

A conservação de um jardim de Burle Marx:

PRAÇA MINISTRO SALGADO FILHO¹

LA CONSERVACIÓN DE UN JARDÍN DE BURLE MARX:
 Plaza Ministro Salgado Filho

THE CONSERVATION OF A BURLE MARX GARDEN:
 Ministro Salgado Filho Square

Ana Rita Sá Carneiro

anaritasacarneiro@hotmail.com

Joelmir Marques da Silva

joelmir_marques@hotmail.com

Mirela Duarte

mireladyduarte@gmail.com

Giseli Amorim

giseli.m@gmail.com

Recibido: 16 de junio de 2014

Aprobado: 15 de mayo de 2015

<http://dx.doi.org/10.15446/bitacora.v2n25.44029>

Resumo

Conservar jardins históricos ainda é uma ação pouco considerada no planejamento urbano no Brasil. Por isso é de grande relevância o relato de experiências para estimular futuras intenções. O artigo apresenta uma experiência de *workshop* sobre restauro de jardim histórico ocorrida na cidade do Recife, Brasil, em 2012, tendo como objeto a Praça Ministro Salgado Filho projetada por Burle Marx em 1957. A praça faz parte de um conjunto de jardins projetados pelo paisagista em Recife entre 1935 e 1958 e é considerada pelo governo federal como patrimônio cultural. Como o uso da praça decaiu desde 2000, foi elaborado um projeto de restauração em 2009, porém não executado. O *workshop* significou um momento de avaliação desse projeto de restauração de modo a suscitar possíveis avanços no sentido de aperfeiçoá-lo. A arquiteta paisagista responsável, Cristina Castel-Branco, introduziu os fundamentos da teoria da restauração para apoiar a aplicação do método de restauro de jardim histórico durante três dias de trabalho reunindo professores e alunos de universidades, e técnicos de instituições de planejamento. O produto alcançado elevou o nível dos procedimentos adotados agregando critérios de análise, o que implicou na capacitação dos participantes e apontou perspectivas positivas de inclusão no planejamento urbano local.

Palavras chave: restauração, patrimônio cultural, planejamento urbano.

Resumen

La conservación de los jardines históricos es poco considerada en el planeamiento urbano en Brasil. Por eso de gran relevancia el relato de experiencias para estimular futuras intervenciones. El artículo presenta la experiencia del taller de restauración de un jardín histórico ocurrió en Recife, Brasil, en 2012, teniendo la Plaza Ministro Salgado Filho (1958) como objeto de investigación. La plaza hace parte de un conjunto de jardines diseñados por Burle Marx en Recife entre 1935 y 1958 y es considerada como patrimonio cultural. El uso de la plaza disminuyó desde el año 2000, por eso, en 2009 se elaboró un proyecto de restauración que no se llevó a cabo. Durante los tres días del taller la arquitecta paisajista Cristina Castel-Branco introdujo los fundamentos de la teoría de la restauración para aplicarlos a la restauración del jardín histórico. El evento contó con la participación de profesores, estudiantes universitarios y técnicos de instituciones de planeamiento urbano, evaluó el proyecto de restauración con miras a su perfeccionamiento, mejoró los procedimientos adoptados por la inclusión de criterios de análisis, lo que implicó una la capacitación de los participantes, y apuntó perspectivas positivas de inclusión en el planeamiento urbano local.

Palabras clave: restauración, patrimonio cultural, planificación urbana.

Abstract

Historic gardens conservation is not acknowledged as an urban planning issue in Brazil yet. That is why reporting experiences means an important contribution for stimulating new developments. This paper reports a workshop on historic garden restoration that took place in the city of Recife, Brazil, in 2012 by focusing the Ministro Salgado Filho Square, which was created by the Burle Marx in 1957, although its use fell into decline since 2000. It is part of the set of gardens he designed in Recife from 1935 to 1958 and considered by the Brazilian federal government as a cultural heritage. The restoration project of the Ministro Salgado Filho Square was elaborated in 2009 but had not been carried out by the time the workshop occurred. The workshop then provided an opportunity for assessing the project in order to enrich its details and variables. The landscape architect Cristina Castel-Branco was in charge of the workshop and presented the restoration theory to support its application in historic garden restoration works, involving lecturers, undergraduate and graduate students, and civil servants from planning institutions. The results brought new perspectives relative to proceedings and criteria for restoring historic gardens intended to be included in the urban planning.

Key words: restoration, cultural heritage, urban planning.

¹ Este artigo refere-se à experiência de restauração de jardim histórico, obra de Roberto Burle Marx.

Ana Rita Sá Carneiro

Arquitecta. Doctora en Arquitectura de la Oxford Brookes University. Coordinadora del Laboratorio del Paisaje de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE). Consejera del Comité internacional de Paisajes Culturales de la UNESCO. Miembro del Centro de Estudios Avanzados de Conservación Integrada-CECI. Becaria del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq). Autora del libro *Parque e paisagem: um olhar sobre o Recife* (2010) y coordinadora de los libros *Jardins históricos brasileiros e mexicanos* (2009) e *Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil* (2013).

Joelmir Marques da Silva

Biólogo, magister y doctorando en Desarrollo urbano de la Universidad Federal de Pernambuco. Investigador del Laboratorio del Paisaje de la misma universidad e investigador del Departamento de Medio ambiente y del posgrado en Diseño, planificación y conservación de paisajes y jardines de la Universidad Autónoma Metropolitana Azcapotzalco (UAM-A). Becario de la Coordinación de Aperfeccionamiento de Pessoal de Nivel Superior (CAPES) y del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq-Sanduiche). Coordinador del libro *Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil* (2013).

Mirela Duarte

Arquitecta, urbanista y magister en Desarrollo urbano. Profesora del curso de Arquitectura y urbanismo en el Centro Universitario do Vale do Ipojuca. Como investigadora del Laboratorio del Paisaje de la Universidad Federal de Pernambuco participa en investigaciones sobre paisaje urbano, paisaje cultural y unidades de paisaje como herramienta para la planeación y la conservación urbana integrada. Recibió la mención de honor del IX Premio Brasileiro de Política y planeamiento urbano e regional, en la categoría Tesis de maestría, concedida por la ANPUR.

Giseli Amorim

Arquitecta, urbanista y magister en Desarrollo urbano y actúa profesionalmente en Luanda - Angola desde finales de 2014 en proyectos para la empresa angoleña BDM, cuya producción tiene un énfasis en el desarrollo urbano local. Como investigadora del Laboratorio del Paisaje de la Universidad Federal de Pernambuco participa en investigaciones sobre conservación de jardines históricos, paisaje de regiones agrestes y el paisajista Roberto Burle Marx.

Introdução

O jardim é uma invenção do homem voltada para a apreciação da natureza e constituído, em geral, pela vegetação, água e pelo relevo. Como criação, transmite uma mensagem e é fácil associá-lo a um lugar educativo, prazeroso e de tranquilidade que abriga histórias e, portanto, sentimentos de forma coletiva, e dada a condição de jardim histórico evoca a sua conservação como um bem cultural e mais, como monumento vivo.

A restauração de jardins históricos tornou-se uma preocupação recente na discussão sobre restauro do patrimônio cultural que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) impulsionou ao ser instituída a categoria de Paisagem cultural como patrimônio cultural da humanidade (1992), na qual, se inserem os jardins históricos. Antes disso, qualquer ação no jardim dependia da necessidade de intervenção na edificação histórica ou monumento.

Nesse sentido, a prática de intervenções em edificações históricas antecede, evidentemente, a teorização sobre conservação e restauro que são referenciadas no século 19. Tais especulações são mais claramente expostas no Congresso de Engenheiros e Arquitetos Italianos em 1883 que enfatizou o valor documental dos monumentos e tem prosseguido “até às recentes recomendações de congressos internacionais sobre a imaterialidade do patrimônio, expressas em um suporte arquitetônico ou territorial mais amplo” (Marcondes, 2009: 272-273).

No Brasil, a restauração de jardins históricos começou a ser discutida na cidade do Recife em 2001 pelo Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco em conjunto com a Prefeitura do Recife, tendo por base a Carta de Florença (ICOMOS/IFLA, 2000) que foi elaborada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) e pelo Comitê Internacional de Jardins Históricos (ICOMOS/IFLA) em 1981, para intervir na Praça Euclides da Cunha, na Praça do Derby e na Praça Faria Neves, todas projetadas pelo paisagista Roberto Burle Marx, entre os anos de 1935 e 1958 (Sá Carneiro, Mafra e Silva, 2009). Ressalta-se que em 2004, deu-se início a restauração do Passeio Público do Rio de Janeiro.

Para a Prefeitura do Recife, como responsável pela manutenção dos jardins, a restauração de um jardim histórico era algo incomum e, portanto, novo, no planejamento. A restauração da Praça Euclides da Cunha foi concluída em 2004, a da Praça Faria Neves em 2006 e a da Praça do Derby em 2008 (Sá Carneiro et al., 2013; Sá Carneiro, 2014). Também faz parte desse conjunto mais representativo, a Praça Ministro Salgado Filho que foi escolhida como objeto de estudo do *workshop* denominado *Restauro de jardins históricos*, dirigido pela arquiteta-paisagista Cristina Castel-Branco do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa em dezembro de 2012. A Praça Ministro Salgado Filho fica situada no bairro do Ibura no Recife em frente ao Aeroporto Internacional dos Guararapes. O *workshop* foi realizado no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco na cidade do Recife, sob a coordenação do Laboratório da Paisagem/UFPE, com a participação de técnicos do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e da Prefeitura do Recife, especialmente com os envolvidos com a salvaguarda e gestão dos jardins públicos reconhecidos como patrimônio paisagístico do Recife.

A sistematização dessa experiência significa um momento de avaliação dos procedimentos adotados para galgar outro nível de conhecimento e rigor nas futuras solicitações. Isso implica na constatação da necessidade de se consolidar uma equipe interdisciplinar, principal-

mente constituída de técnicos e gestores municipais, treinados para elaborar planos de conservação para cada jardim que será tombado.

O artigo recupera pontos críticos e decisivos do processo de construção da teoria da restauração do monumento edificado que nortearam as bases científicas para o restauro dos jardins históricos. Em seguida, mostra os princípios modernistas de concepção do paisagista Roberto Burle Marx para a Praça Ministro Salgado Filho enfatizando alterações no entorno que abalaram o uso da praça, e, finalmente, discorre sobre a metodologia e as propostas das equipes participantes do *workshop* que possibilitaram a revisão e recondução do projeto de restauração elaborado pela Prefeitura do Recife juntamente com o Laboratório da Paisagem/UFPE no ano de 2009 visando à conservação desse jardim histórico.

Restauração de jardim histórico

A ideia moderna de restauração, construída no início do século 20, deve-se ao arquiteto restaurador Camillo Boito que, conforme Kühn (2008) teve uma participação decisiva na elaboração de conteúdo para a historiografia da restauração, assumindo uma posição moderada e intermediária entre o pensamento de Viollet-le-Duc e o de John Ruskin. Boito participou do Congresso de Engenheiros e Arquitetos em 1883, mas iniciou seu trabalho de restaurador em 1858 fazendo estudo documental da obra priorizando a forma, a técnica construtiva em desenhos e fotografias e adotando exercícios de observação.

Enquanto a opinião de John Ruskin era de respeitar a matéria original e deixar seguir as transformações da obra ao longo do tempo, mas defendendo as precauções de conservação para evitar a degradação, a de Viollet-le-Duc defendia a necessidade de trazer de volta o aspecto inicial da obra e sem se basear em algo palpável, porém mantendo o caráter de herança viva. Boito (2008) criticou no seu texto *Os restauradores*² as duas posições observando que se deveria adotar a conservação do monumento na sua forma original para evitar a restauração, mas admitia-a como um mal necessário enfatizando a necessidade de deixar distinta a expressão contemporânea de intervenção.

Para Boito (2008), a grande complexidade recaía sobre a identidade da arquitetura por isso distanciava-se da opinião de Ruskin e Viollet-le-Duc. À medida que não aceitava a morte certa dos monumentos não concordava em levá-los a um estado que poderia nunca ter existido antes, seguindo o pensamento de certo modo revolucionário de Viollet-le-Duc.

O discurso de Boito representa uma evolução da teoria da restauração a partir da mesma origem e para o mesmo caminho posteriormente traçado pela Carta de Atenas de 1931 (Sociedade das nações): a revisão e adaptação dos escritos de Ruskin e de Viollet-le-Duc. A partir de seu pensamento, foi feita a separação precisa do que significava restaurar e do que significava conser-

var. E é no conteúdo da Carta de Atenas que se inicia a preocupação com a conservação de jardins, ainda que associada aos monumentos. Na referida Carta consta que é recomendado “o estudo das plantações e ornamentações vegetais convenientes a determinados conjuntos de monumentos para lhes conservar o caráter antigo” (Sociedade das nações, 2000: 14).

Na década de 1930, Gustavo Giovannoni reelabora³ a teoria de Boito que influenciou a Carta de Atenas (Sociedade das nações) e a Carta de Restauo Italiana (Conselho Superior de Antiguidades e Belas Artes) de 1932. Segundo Luciani (1998 apud Marcondes, 2009), Giovannoni assim como Boito, tinha como fundamento o estudo documental e a observação calcados no historicismo pela análise formal e técnico-construtiva em relação aos elementos compositivos da construção primitiva. Mas, é com Cesari Brandi, na década de 1960, que é introduzida a relação entre a restauração e a obra de arte quando se impõe a discussão da preponderância da instância estética que tem por base a condição de obra de arte e a instância histórica que atrela a produção humana ao tempo e ao lugar (Brandi, 2004). E quando se trata de arte, a estética prevalece sobre a história.

Para Brandi, a restauração “constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro” (Brandi, 2004: 30). Considera a restauração como um processo coletivo que exige profundo conhecimento da técnica, da história (humanístico), da estética e da filosofia, ao qual não se pode assegurar a legitimidade das escolhas realizadas nos procedimentos da restauração. Dessa forma, o que deve guiar a restauração é um juízo crítico de valor, ideia presente já no pensamento de Alois Riegl (1999) em seu livro *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese* e que aparece no Artigo 11 na Carta de Veneza de 1964 complementada pela advertência de que “o julgamento do valor dos elementos em causa e a decisão quanto ao que pode ser eliminado não podem depender somente do autor do projeto” (ICOMOS, 2000: 93).

Em 1971, acontece o primeiro Congresso Internacional sobre Jardins Históricos em Fontainebleau, França (Añón-Feliú, 2005) e em 1972 é reelaborada a Carta de Restauo Italiana (Ministério da Instrução Pública-Governo da Itália) a partir do pensamento de Brandi, ampliando a noção de patrimônio para jardins e parques. Contudo, a preocupação com a restauração de jardins históricos só é devidamente abordada na Carta de Florença (ICOMOS/IFLA, 2000) com o objetivo de proteger os jardins históricos complementando a Carta de Veneza (ICOMOS, 2000).

Para a restauração do jardim “é preciso aliar-se à marca de quem o concebeu, de quem o construiu, e de quem o manteve, e respeitá-la com um fator tão fundamental como os processos

2 Resultado de uma conferência feita na exposição de Turim, em 1884, direcionada à arquitetura, à pintura e à escultura.

3 Gustavo Giovannoni passa a diferenciar a arquitetura maior (monumentos já reconhecidos àquela época: castelos, palácios, conventos e fortalezas) e a arquitetura menor (casas e quarteirões que compõem o tecido urbano edificado das cidades antigas) e que, mesmo não possuindo, geralmente, valores individuais, muitas vezes constituem em seu conjunto um sítio de grande valor artístico e ambiental.

naturais, e certamente mais importantes que a própria intervenção de restauro” (Monteiro, Castel-Branco e Fonseca, 1999: 143). Isso significa possibilitar o reconhecimento da ideia do paisagista a partir do resgate dos seus princípios projetuais e segundo os limites do material existente. Assim, portanto, a ideia do paisagista estará mantida e por isso os ajustes se justificam.

A especialista em jardins históricos Carmem Añón-Feliú (1995), que participou da elaboração da Carta de Florença (ICOMOS/IFLA, 2000) e que, conforme Berjman, “estableció una metodología de estudio y restauración de los jardines históricos que se ha convertido en modelo” (Berjman, 2011: 34), salienta o tempo como um elemento de composição do jardim, dada a sua efemeridade. Conforme a autora, o paisagista fornece a matéria, permitindo o tempo agir sobre o jardim, o que não significa aceitar a sua descaracterização. Nesse sentido, ressalta o caráter ético da restauração de um jardim, que traz à discussão a questão da autenticidade e da integridade.

A autenticidade de um bem cultural avalia a originalidade, considerando aspectos do desenho, dos materiais, da mão-de-obra, do mobiliário e do entorno no momento da criação e os efeitos da ação do tempo incluindo o uso e o valor social até o momento atual (Delphim, 2005). No caso do jardim, é preciso lembrar sua condição de material perecível e renovável como destaca a Carta de Florença (ICOMOS/IFLA, 2000). Já a integridade se refere à completude do bem no sentido do equilíbrio entre os elementos componentes (Delphim, 2005).

A metodologia para direcionar a discussão sobre as linhas gerais do projeto de restauração da Praça Ministro Salgado Filho baseou-se nos fundamentos propostos por Carmen Añón-Feliú (1993) referenciada no artigo *El Jardín histórico: notas para una metodología previa al proyecto de recuperación*, publicado no *Journal Scientifique*. A autora menciona que não se deve pretender restaurar um jardim tal como ele foi porque ele é mutável, está sempre se transformando. Portanto, é preciso entender a sua essência observando-o para recuperar sua imagem e partindo do princípio de que não há dois jardins iguais.

A referida especialista estabelece quatro ideias fundamentais em toda restauração: i) *ser fiel à origem do jardim*, o que exige observação intensa e estudos para descobrir seu próprio encanto; ii) *respeitar o tempo*, entendendo-o como um elemento criador do jardim; iii) *valorar os aportes*, ou seja, avaliar os elementos introduzidos e que passaram a fazer parte da composição original; iv) *evitar dissonâncias*, para não interferir na composição estética e histórica.

Referindo-se a uma política de conservação para assegurar a mensagem do jardim, Carmen Añón-Feliú (1993) especifica quatro grandes fases para o desenvolvimento do trabalho: i) análise e documentação (estudo do passado e do presente); ii) critérios; iii) projetos e iv) atuações complementares. Tais fases corroboram com as especificações do Artigo 15 da Carta de Florença que diz:

Qualquer restauro e, com mais forte razão, qualquer restituição de um jardim histórico só será implementada após uma

análise aprofundada que vai da escavação em terreno, recolha de todos os documentos que dizem respeito ao jardim em causa e a jardins análogos. Esta recolha exaustiva garante o caráter científico da intervenção (ICOMOS/IFLA, 2000: 255-256).

O cumprimento destas quatro fases dará segurança e profundo conhecimento do jardim e de seus problemas resultando na construção de argumentos substanciais para a execução do projeto. As quatro fases foram aplicadas, de forma parcial, na discussão das linhas gerais do projeto de restauração da Praça Ministro Salgado Filho e serão abordadas a seguir.

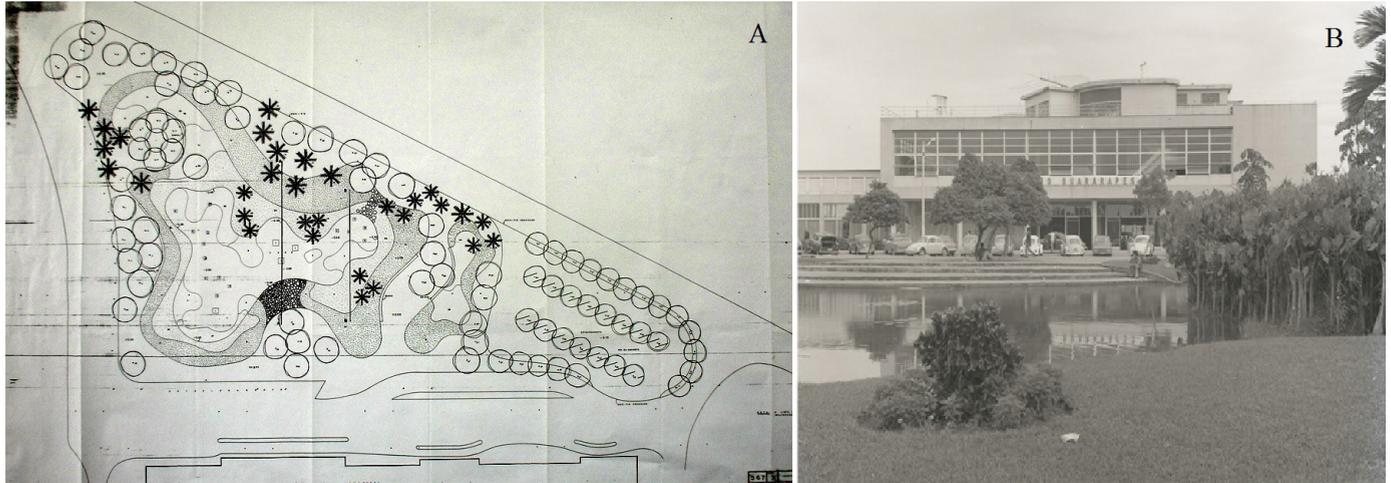
O jardim histórico analisado: a Praça Ministro Salgado Filho

O projeto da Praça Ministro Salgado Filho foi concebido pelo paisagista Roberto Burle Marx em 1957 (Figura 1), como parte de um conjunto arquitetônico moderno juntamente ao edifício do Aeroporto dos Guararapes, o que viria a ser um ponto de atração para residentes e turistas. Naquele momento, Burle Marx fazia parte de um grupo de profissionais, inclusive estrangeiros, também responsável por dois projetos de grande impacto urbano na América Latina: o do Parque del Este em Caracas e o do Parque do Flamengo no Rio de Janeiro. Eram os arquitetos paisagistas: Fernando Tábora, John Sttodart, Júlio Cesar Pessolani e Maurício Pesavento. No caso do Recife, o projeto do edifício do Aeroporto dos Guararapes ficou sob a responsabilidade do arquiteto Arthur Mesquita que também incorporou a esse projeto do edifício, um moderno painel do artista plástico Lula Cardoso Ayres no foyer do Aeroporto. Arquitetura, pintura e jardins, compunham neste conjunto de intervenções, o complexo contexto sobre o qual se apresentou parte do pensamento moderno da época no Recife. Esse notável empreendimento, inaugurado pelo prefeito Pelópidas Silveira, nesse mesmo ano, passou a ser um dos cartões-postais do Recife. E nesse jardim moderno, como chamava o paisagista, havia vários tipos de plantas regionais, segundo consta no depoimento concedido pelo prefeito (Mota, 1957).

O projeto do conjunto (edifício + jardim) compreendia uma unidade plástica que tinha como ponto focal o espelho d’água com vegetação aquática. Desse lago de formas curvas se configurou o traçado que surpreendia pelo movimento e que favorecia a contemplação das espécies vegetais nos vários estratos em diferentes pontos. Ao longo do tempo, a praça permaneceu como referência pela beleza artística de sua composição tendo a vegetação como elemento dominante e exercendo a função de ambiente de recepção para os visitantes e de convívio, para os residentes da Cidade.

O espelho d’água como ponto focal, valorizou a vegetação e ofereceu abertura para a percepção do entorno e da edificação confirmando a integração plena entre os dois objetos urbanos como unidade. O espelho d’água, além de desempenhar suas funções no próprio jardim abrigando a vegetação e fauna

Figura 1. (A) Fotografia do projeto original de ajardinamento da 'Praça Ministro Salgado Filho'.



Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, projeto cedido pelo escritório Burle Marx & Cia. (B) Jardim do Aeroporto, década de 1960. Fonte: Acervo pessoal de Alcir Lacerda.

aquática, foi estrategicamente posicionado para que também reproduzisse o edifício, duplicando em suas ondulações as linhas modernas do edifício e parte do céu e da própria vegetação de entorno.

Nesta composição, foi dada especial atenção à vegetação. Distribuída em quatro estratos, compõe espaços e define perfis formando a partir do lago manchas em diferentes cores e texturas como se a água espontaneamente criasse formas tal qual a técnica da pintura de aquarela. Recantos que despertam as mais variadas sensações podem ser desfrutados, seja quando degraus adentram pelo espelho d'água e permitem perceber o formato escultural do conjunto de aninga (*Montrichardia linifera*) complementado, mais ao fundo, pelas amplas copas dos abricós-de-macaco (*Couroupita guianensis*); seja no ato de caminhar e perceber a diversidade de palmeiras como a macaibeira (*Acrocomia intumescens*), o açai (*Euterpe edulis*) e o aricuri (*Attalea butyracea*), que se entrelaçam por entre os ipês (*Tabebuia heptaphylla*), os paus-reis (*Basiloxylon brasiliensis*) e as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*). A área da praça se complementava com um estacionamento bastante arborizado com indivíduos de oitizeiros (*Licania tomentosa*).

Em 1974, a praça foi ampliada segundo um projeto da Prefeitura do Recife que sugeriu a implantação de canteiros e de área gramada substituindo o estacionamento proposto no projeto original e foram colocados bancos semelhantes àqueles originalmente indicados pelo paisagista. Uma última intervenção, em 1993, manteve os princípios do projeto de Burle Marx, mas sem recuperar o estacionamento e com pequena substituição de algumas espécies vegetais. Desde a instituição da lei 16.414 de 1998, a praça está situada na Zona Especial do Aeroporto (ZEA) e devido ao tráfego aéreo, o seu entorno tem restrições de garagem.

No ano 2000, a ampliação do Aeroporto resultou em uma obra de grande impacto pela extensão da área construída, o que exigiu uma adequação do traçado viário implicando na construção de dois viadutos. O sistema viário do entorno do novo

Aeroporto, agora denominado de Aeroporto Internacional dos Guararapes Gilberto Freyre, transformou a praça em uma ilha de tráfego, quase inacessível ao convívio social e a relação com o edifício antigo deixou de existir, pois o acesso principal foi mudado e um novo edifício construído. Com isso o jardim, outrora tão vivenciado pelo público, foi esquecido, sem manter qualquer relação com o novo projeto implantado.

A dificuldade de acesso, a falta de integração entre a praça e o novo edifício e a falta de conservação restringiu o uso às pessoas, que adentravam ao Aeroporto pela praça, que aguardavam os ônibus nos pontos de parada ali existentes e àquelas que circulavam de modo ocasional. Consequentemente, este "abandono" de sua antiga e privilegiada situação e importância, favoreceu a instalação de comércio informal e a ocupação por moradores de rua que danificam a vegetação arbórea, fazendo dos troncos das árvores o lugar para guardar os seus pertences. Ainda mais há o agravante dos ruídos dos transportes nas vias de intenso tráfego interestadual e aumento de poluição que provocam sérias ameaças à cobertura vegetal já bastante escassa, inclusive com a duplicação das vias com a implantação das alças de viadutos que tangenciam a praça.

Mesmo tendo sido a praça adotada pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), de 2000 a 2008, o precário estado de conservação em que se encontrava até o ano de 2008 fomentou a elaboração do projeto de restauração que ficou a cargo da Prefeitura do Recife e do Laboratório da Paisagem/UFPE e que foi concluído em junho de 2009 (Figura 2). Em 2008, por conta da falta de conservação de outros jardins de Burle Marx já restaurados, o Laboratório da Paisagem/UFPE decidiu solicitar ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o tombamento de seis jardins projetados pelo paisagista incluindo a Praça Ministro Salgado Filho para se tornarem patrimônio cultural nacional.⁴

4 Processo No. 1.563-T-08. A homologação do tombamento foi declarada em 09/09/2015 mediante a portaria No. 84.

Figura 2. Praça Ministro Salgado Filho. Comparação entre três momentos. (A) Projeto original (1957). (B) projeto de remodelação elaborado pela Prefeitura da Cidade do Recife (1974). (C) Projeto de restauração (2009).



Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE.

O projeto de restauração, tomando como ponto de partida o de 2009, somente se concretizou em agosto de 2013, portanto, após o *workshop* ocorrido em dezembro de 2012, onde se priorizou a vegetação indicada no projeto original de Burle Marx com especial atenção para as plantas aquáticas; recompôs o desenho do lago e dos canteiros no seu entorno e em diferentes níveis e consolidou um caminho usado pelos que trabalham nas proximidades do terminal de ônibus até a edificação nova do Aeroporto. Em reuniões com técnicos da Prefeitura do Recife foi ressaltada a necessidade de elaboração e implantação de um Plano de Gestão da Conservação que definisse as diretrizes e os procedimentos necessários.

O desenvolvimento do workshop

A realização do *workshop Restauo de jardins históricos* representou um momento oportuno para fomentar a reflexão e discussão sobre o projeto de restauração da Praça Ministro Salgado Filho elaborado em 2009. Além disso, o evento reforçou a importância da conservação dos jardins históricos de Burle Marx em vias de tombamento, e intencionou contribuir com a capacitação necessária da equipe de profissionais envolvida na elaboração de um projeto de restauração para um jardim histórico e sua conservação. Por essa razão, técnicos do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e da Prefeitura do Recife sob a coordenação do Laboratório da Paisagem/UFPE, trabalharam em conjunto para encontrar alternativas e propor ajustes ao projeto de restauro já elaborado e em vias de ser implantado em 2013.

O *workshop* dirigido pela professora e arquiteta paisagista Cristina Castel-Branco aconteceu entre os dias 3 e 5 de dezembro de 2012, nos quais se intercalaram atividades de exposição teórica sobre jardins históricos e métodos de restauração; de visita de campo para conhecimento do objeto de intervenção; e de trabalho prático em ateliê para análise do jardim e elaboração de propostas de restauração.

Os dois primeiros dias de atividades foram dedicados ao conhecimento do jardim, que marca o início do trabalho de restauração. A relevância desta etapa inicial está no fato de que, nas palavras de Cristina Castel-Branco durante a palestra de abertura

do *workshop*, “as soluções para o restauro encontram-se dentro do jardim. É preciso estudá-lo antes de começar”, argumento que é reforçado pelo Artigo 15 da Carta de Florença (ICOMOS/IFLA, 2000) no que tange à necessidade de garantir o caráter científico da intervenção o que exige um estudo aprofundado que inclui escavações e coleta de documentação.

Na aula expositiva que deu início ao evento, Cristina Castel-Branco apresentou exemplos de restauração de jardins portugueses e destacou um método para restauração de jardins históricos, fundamentado na teoria de Carmen Añón-Feliú (1995).

Com base neste método, foi definido o procedimento para análise da Praça Ministro Salgado Filho dividindo os participantes em cinco equipes de trabalho referentes às cinco dimensões essenciais para a compreensão do jardim em sua completude: i) dimensão histórica, ii) dimensão construtiva, iii) dimensão botânica, iv) Dimensão hidráulica e v) dimensão do entorno.

O conteúdo dessas dimensões aparece ao longo da Carta de Florença (ICOMOS/IFLA, 2000). O Artigo 4 aborda a composição arquitetural do jardim histórico com destaque para o plano e os diferentes perfis do terreno; as massas vegetais – essências, volumes, jogo de cores, espaçamento e alturas –; elementos construídos ou decorativos e as águas moventes ou dormentes, bem como o reflexo do céu. A relação entre o jardim e o entorno imediato, mais precisamente a edificação, é abordada no Artigo 7 que ressalta que o “jardim histórico não pode ser separado de seu próprio meio ou ambiente urbano ou rural, artificial ou natural” (ICOMOS/IFLA, 2000: 254).

Portanto, a Praça Ministro Salgado Filho foi analisada pelas cinco equipes contemplando as dimensões necessárias para a ampla compreensão do jardim. Munidas da planta do projeto original elaborado por Burle Marx e da planta baixa atualizada para fins comparativos, as equipes foram a campo realizar o levantamento de dados, observando também o uso e a apropriação dos usuários.

Na visita foram constatados problemas que ameaçavam sua conservação: a ineficiência do sistema de drenagem, mobiliário deteriorado, vegetação com problemas fitossanitários, alteração do traçado original e a ausência de grande quantidade da vegetação originalmente proposta. Além disso, observou-se o acentuado acúmulo de lixo no espelho d’água, introdução de elementos arquitetônicos que não dialogavam com a paisagem do jardim, e a implantação indiscriminada de cabeamentos na instalação de redes para o Aeroporto, que somados ao desconforto sonoro e insegurança por parte de quem permanece na praça, define um quadro preocupante quanto a um bem cultural que compõe parte das referências da história da paisagem recifense (Figura 3).

A análise teve continuidade nas atividades realizadas em ateliê e foi encerrada com a apresentação das equipes, fazendo circular as informações referentes aos elementos do jardim histórico e à unidade de conjunto como salienta o Artigo 10 da Carta de Florença: “qualquer operação de manutenção, conservação, restauro ou reabilitação de um jardim histórico, ou de uma das

Figura 3. Visita técnica na Praça Ministro Salgado Filho. Equipe do *workshop*, lado esquerdo; e aspecto da falta de conservação da praça, lado direito.



Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.

suas partes, deve tomar simultaneamente em consideração todos os seus elementos. Isolar as várias ações poderia alterar a unidade do conjunto” (ICOMOS/IFLA, 2000: 55).

As análises apontaram principalmente para a fragmentação da relação entre o jardim e o edifício do antigo Aeroporto, além da sensação de desconforto sonoro procedente da circulação permanente de veículos pesados e da interferência visual que será provocada pela futura implantação de uma passarela suspensa interligando o Aeroporto à estação do metrô.

Após a exposição das análises e as discussões que se sucederam, as equipes desenvolveram propostas a partir da criação de um conceito-chave com vistas à restauração que se estenderam às possíveis soluções para os problemas do entorno (Figura 4).

Estes conceitos direcionaram a intenção projetual de cada equipe nomeando as cinco propostas:

Um aeroporto com jardim: a proposta recompõe a relação entre o antigo Aeroporto e o jardim reativando a edificação com o novo uso. A proposta retoma a relação original do jardim com a edificação e também define fluxos e a requalificação nos usos das edificações adjacentes, como o caso das concessionárias de automóveis em frente à praça, restabelecendo suas conexões com todo o entorno.

Devolver o aeroporto ao jardim: teve como objetivo integrar o jardim com o entorno imediato nivelando as cotas e tornando mais fluido o acesso ao antigo Aeroporto. Define como premissa oferecer espaços de permanência que protejam o usuá-

Figura 4. Atividades em ateliê: elaboração, apresentação e discussão das propostas



Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, 2012.

rio da intensidade do ruído existente no local, o qual deve servir como ponto de espera por ônibus.

Diálogo entre tempos: propõe-se o retorno do traçado original do projeto paisagístico de Burle Marx e a criação de jardins de transição na área que separa o jardim do novo Aeroporto; a proposta de integração se completa com a reabilitação do antigo Aeroporto composto por novo programa arquitetônico de usos incluindo um restaurante-terraço com vista para o jardim.

Integrar a memória de Burle Marx: a intenção é agregar um projeto de comunicação visual para divulgação da obra do paisagista ao projeto paisagístico de restauração como exercício de educação patrimonial, através da concepção de totens informativos localizados estrategicamente nos locais de circulação.

Praça para ser olhada: objetivou liberar as visadas para o jardim, explorando a visibilidade; trata os novos elementos urbanos como aliados visando à apropriação por parte da população. Desta forma justapõe uma estrutura vertical à nova passarela, construída para dar acesso ao Aeroporto, possibilitando ao pedestre sua utilização como um belvedere de modo a valorizar o jardim.

Os resultados alcançados pelas equipes foram apresentados para um júri especializado, composto de arquiteto e arquitetas paisagistas. Na avaliação final, ainda que com especificidades de projetos desenvolvidos segundo os conceitos criados, as propostas, estavam direcionadas para: i) a necessidade de retomar a relação da praça com a edificação do antigo Aeroporto, considerando o que previa o projeto paisagístico de Burle Marx de 1957; ii) a necessidade de repor as espécies botânicas especificadas no projeto original de Burle Marx, já que a vegetação é o elemento

principal do jardim compreendido como Monumento Vivo; iii) a minimização dos impactos negativos causados pela circulação de veículos em alta velocidade indicando a implantação de redutores de velocidade; e iv) a ampliação dos usos e finalidades da passarela a ser inserida, com a criação de acessos diretos dela para o jardim, bem como mirantes incorporado ao desenho da passarela para visualização da praça por ângulo inusitado, com o intuito de fortalecer o uso turístico.

Conclusão

A experiência do *workshop* contribuiu para aprofundar as reflexões incluindo novos critérios de análise e exercitar um método de projeto de restauro de um jardim histórico, tendo a Praça Ministro Salgado Filho como objeto empírico tanto do ponto de vista do jardim analisado, quanto da revisão do projeto de restauração elaborado em 2009. Representou também um momento de pensar o restauro de jardim como um método que se apoia nos fundamentos da restauração do edifício/monumento em direção ao tratamento do jardim histórico. Portanto, a desconstrução do jardim do ponto de vista da história, da construção, da botânica, da hidráulica e do uso, para proporcionar o conhecimento da sua totalidade, possibilitou a compreensão de uma concepção de conjunto edifício/jardim como composição arquitetônica. Foi consensual, por exemplo, a recomendação de criação de um bosque no lugar do estacionamento constante no projeto original, para proteger o espaço interior dos ruídos provocados pelos veículos dada a ampliação do sistema viário. O *workshop* significou, de forma relevante, um avanço para a conservação dos jardins históricos no Recife e no Brasil. **IO**

Referências

- AÑÓN-FELIÚ, C. (2005). "La restauración de los jardines históricos". *Seminario La doctrina de la restauración a través de las cartas internacionales*. Valencia, Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectónicos, Departament de Projectes Arquitectònics.
- AÑÓN-FELIÚ, C. (1995). "Authenticité jardin el paysage". Conferência de Nara sobre autenticidade. Convenção do Patrimônio Mundial. Japão. CCROM/ICOMOS.
- AÑÓN-FELIÚ, C. (1993). "El jardín histórico: notas para una metodología previa al proyecto de recuperación". In: *Jardins et Sites Historiques*. Madrid: Doce Calles, ICOMOD/UNESCO, pp. 312-325.
- BERJMAN, S. (2011). "De los jardines históricos a los paisajes culturales: la labor de ICOMOS". In: J. Trindade y C. Terra, *Simpósio Arqueologia na Paisagem/Arqueologia na Paisagem: um olhar sobre os jardins históricos*. Rio de Janeiro: Universidade Federal de Rio de Janeiro, pp. 31-37.
- BOITO, C. (2008). *Os Restauradores*. Cotia: Ateliê Editorial.
- BRANDI, C. (2004). *Teoria da restauração*. Cotia: Ateliê Editorial.
- DELPHIM, C. F. de M. (2005). *Intervenções em jardins históricos*. Brasília: IPHAN.
- ICOMOS. (2000). "Carta de Veneza". In: I. Cury (org.). *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, pp. 91-96.
- ICOMOS/IFLA. (2000). "Carta de Florença". In: I. Cury (org.). *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, pp. 253-258.
- KÜHL, B. M. (2008). "Os restauradores e o pensamento de Camillo Boito sobre a restauração". In: BOITO, C. *Os Restauradores*. Cotia: Ateliê Editorial, pp. 9-28.
- MARCONDES, M. J. A. (2009). "Preservação e modernismo: jardins históricos e valor documental". In: A. R. Sá Carneiro y R. P. Bertruy (org.), *Jardins históricos brasileiros e mexicanos*. Recife: UFPE e UAM, pp. 271-292.
- MONTEIRO, A., CASTEL-BRANCO, C. y FONSECA, L. (1999). "Restauro e manutenção: apogeu e declínio de um jardim". In: C. Castel-Branco (coord.), *Jardim Botânico da Ajuda*. Lisboa: A.A.J.B.A. e Livros Horizonte, pp. 143-170.
- MOTA, O. (1957, 20/03). "Inauguração da est. de passageiros do Iburá, até o mês de julho próximo". *Diário de Pernambuco*, pp. última.
- RIEGL, A. (1999). *El culto moderno a los monumentos*. Madrid: Visor Fotocomposición.
- SÁ CARNEIRO, A. R. (2014). "Burle Marx e os jardins do Recife". *Revista Espaço Acadêmico*, v (156): 45-59.
- SÁ CARNEIRO, A. R. et al. (2013). "A paisagem como jardim: natureza da cultura urbana". In: G. M. Whitaker Verri (org.), *Memorat, tecnociência, memória e cultura urbana na formação brasileira*. Recife: UFPE, pp. 49-66.
- SÁ CARNEIRO, A. R., MAFRA, F., SILVA, A. F. (2009). *Os jardins de Burle Marx no Recife*. Recife: MXM gráfica.
- SOCIEDADE DAS NAÇÕES. (2000). "Carta de Atenas". In: I. Cury (org.). *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, pp. 13-20.